

Em Campinas, criança é considerada a cidadã de hoje e não do futuro, diz Thiago Ferrari



Thiago de Moares Ferrari discursando na cerimônia de entrega do selo de 'Empresa Amiga da Primeira Infância' a 34 empresas, realizada na semana passada no Palácio dos Jequitibás

Gustavo Abdel
gustavo.abdel@rac.com.br

Ele desfrutou da sorte de uma infância plenamente vivida, cercada por amigos e no tranquilo ambiente do distrito de Barão Geraldo no início dos anos 1980. Cresceu em um cenário educacional, absorvendo dos pais e dos professores da Unicamp a importância da disciplina nos estudos. Ao longo de sua entrevista, Thiago de Moares Ferrari conseguiu destacar como elementos vividos em sua infância precoce se tornaram a fundação para seu atual propósito de liderar um significativo programa que busca apoiar as crianças de Campinas.

Até o momento, construiu uma trajetória que lhe conferiu reconhecimento e profundo entendimento do cenário político, especialmente em um período tumultuado da história recente do município. Em seu primeiro mandato na Câmara Municipal, Ferrari conduziu de forma decidida, em meio a um intenso estigma, o processo que resultou na cassação do ex-prefeito Hélio de Oliveira Santos, no conhecido Caso Sanasa.

Afinal, foi o Dr. Hélio quem abriu a porta para Ferrari assumir a subprefeitura de Barão Geraldo, e mais tarde o convenceu a deixar esse posto para buscar uma eleição como o quarto vereador mais votado de Campinas (2009-2012). Embora tenha recebido forte apoio do ex-prefeito, gradualmente afastou-se da orientação do governo para adotar uma voz mais independente, conforme relata.

Na legislatura subsequente, com metade dos votos recebidos em relação à primeira, apresentou projetos que causaram grande impacto na sociedade. Hoje, aos 48 anos, exibe com orgulho um aplicativo que reúne suas diversas propostas abrangendo múltiplas áreas.

Desde cedo, Ferrari estabeleceu conexões políticas. Participou da associação de moradores de Barão Geraldo e foi ativo no Conselho Comunitário de Segurança (Conseg) do distrito, abordando questões de segurança. Sua experiência como subprefeito de uma região em rápido crescimento, mas também enfrentando desafios sociais significativos como pobreza e violência, consolidou seu entendimento das necessidades locais. Depois de seus dois mandatos na Câmara, não conseguiu a terceira reeleição e foi nomeado presidente executivo da Fundação José Pedro de Oliveira, encarregada da preservação e administração da Mata de Santa Genebra - posição que ocupou por sete meses.

Buscando se redescobrir internamente, reconhece que se saturou da política e decidiu se mudar para o Canadá. Mais tarde, em 2018, Ferrari retornou, mas agora atuando na área de relações governamentais na Secretaria de Educação de Campinas. Focou no desafio de transformar a realidade das crianças de zero a seis anos e, desde 2021, lidera o Programa Primeira Infância Campineira (PIC).

Recentemente, a convite da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, representou Campinas no curso do Programa de Liderança Executiva em Desenvolvimento da Primeira Infância, na Universidade de Harvard. Segundo ele, essa experiência o levou a compreender que a abordagem diferenciada para a primeira infância tem fundamentos científicos, econômicos e sociológicos. A entrevista foi realizada a convite de Ítalo Hamilton Barioni, presidente executivo do Correio Popular.

O senhor é natural de Campinas?

Sim, sou campineiro nascido na Maternidade de Campinas, e toda minha primeira infância foi vivida no distrito de Barão Geraldo.

Aquele era um outro período de Barão Geraldo, um pouco mais rural. Como foi sua infância por lá?

Completamente. Eu lembro que eu tinha uns oito anos e a gente andava de bicicleta

ENTREVISTA

Para Thiago Ferrari, esta é a hora e a vez da criança

Entrevistado de hoje fala sobre programa Primeira Infância Campineira



Thiago Ferrari: "toda a minha primeira infância foi vivida em Barão Geraldo"

na rua. A minha mãe falava só para tomar cuidado com ônibus, que passava de duas em duas horas. Era uma turma de todos os lados que se encontrava para brincar. Era uma infância muito rica, pois todos se encontravam para brincar na rua. Na nossa época a Unicamp não era cercada, e de domingo todo mundo se encontrava; era o pessoal mais velho com os mais novos, pais se reuniam no gramado, formávamos times de futebol. Mas foi se acabando. Eu digo que a infância que a gente teve é muito diferente da infância das minhas filhas hoje. Tanto que eu estudei em uma escola que era em uma chácara no Guarã, a Escola Cooperativa Curumim, da qual minha mãe foi fundadora.

E a continuidade dos seus estudos até a formação superior?

Eu fiz Direito na PUC-Campinas. E quando comeci a me envolver mais na política procurei me especializar na área de direito público e também em gestão de políticas públicas, da qual fiz pós-graduação na Unicamp. Eu costumo dizer que sempre estive envolvido com as questões públicas, com participação em grêmios estudantis. Na ocasião de um sequestro relâmpago do meu irmão, naquele período em que ocorriam casos assim na Unicamp, fui procurar fazer alguma coisa. Foi então que comeci a participar da associação de bairro e a me envolver com as

questões do distrito. Barão Geraldo tem uma característica muito marcante, por ser aquele distrito bucólico, com questões culturais enraizadas nos moradores, mas ao mesmo tempo tem a Unicamp como o pulso. Na época de associação, por volta de 2001, entrei com uma ação contra a lei dos "bolsões urbanos" (lei revogada em 2004) e passei de vez a me envolver com a questão do planejamento e meio ambiente do distrito. Tenho um carinho enorme pelo distrito, por ter morado a vida inteira lá, e hoje minhas filhas também moram em Barão.

O senhor tem acompanhado as discussões do PIDS (Polo de Inovação e Desenvolvimento Sustentável)?

Há essa discussão agora sobre o desenvolvimento do distrito, que ao meu ver são discussões que a gente precisa entender que, quando se tem um polo provocador a gente tem que usar esse polo em benefício do distrito, mas preservando as características locais. Mas por enquanto, estou focado totalmente nas ações do programa Primeira Infância Campineira (PIC). Porém, quando me questionam enfatizo a necessidade de repensar o plano local de gestão urbana, que é de 1996, e que há muito tempo já não se encaixa no distrito. Na época que eu fui subprefeito (2005-2008), Barão Geraldo tinha 66 mil habitantes. Somente na Unicamp, por dia, entra-



Eu lembro que eu tinha uns oito anos e a gente andava de bicicleta na rua. A minha mãe falava só para tomar cuidado com ônibus, que passava de duas em duas horas. Era uma turma de todos os lados que se encontrava para brincar. Era uma infância muito rica, pois todos se encontravam para brincar na rua

vam cerca de 45 mil veículos. Para se ter uma ideia o efetivo de seguradoras dentro do campus era três vezes maior do que o efetivo da Polícia Militar, que patrulhava não só o distrito como até o bairro São Marcos. Hoje Barão tem 74 bairros.

A questão da Segurança talvez seja um ponto nevrálgico no distrito, que sempre está na pauta de discussões dos moradores, correto?

Barão Geraldo é uma das regiões mais arborizadas de Campinas, porém são tipos de árvores que não contribuem com a segurança. Você vê as ruas todas arborizadas, mas à noite se transformam em ruas muito escuras. Uma questão positiva é que Barão tem três entradas, e é fácil de monitorar. Na época em que eu fui presidente do Conseg (Conselho Comunitário de Segurança), a gente conseguiu mostrar para a Unicamp a importância e a responsabilidade dela em relação à segurança na região. Quase 90% das ocorrências do 7º Distrito Policial (DP) ocorriam no campus. Conseguimos colocar dois delegados no DP para dar conta das ocorrências, pois naquela época Barão Geraldo era três vezes maior do que 80% dos 645 municípios do Estado de São Paulo.

Como se deu a migração desse ativismo comunitário para a política de um modo mais amplo?

Quando a gente começa a se envolver em questões públicas, também começamos a construir relações. Então a partir do momento em que eu assumi a presidência do Conseg, por indicação da Polícia Militar, as relações políticas começaram a ficar mais permanentes. Nesse intervalo de tempo, meu amigo e será Tiago, filho do Romeu Santini, perguntou se eu poderia ajudar o pai dele na campanha, porque eu sempre participei ao lado do Romeu. Porém nesse processo o Tiago faleceu e havia deixado esse pedido para eu seguir ajudando o seu pai. E através do Romeu Santini comeci a me envolver com a associação de bairro, depois o Conseg, até que conheci a filha do ex-prefeito Hélio de Oliveira Santos (cassado em 2011) e, com relações mais estreitas, fui nomeado subprefeito de Barão Geraldo.

